

Eventos e Subeventos em Caboverdiano¹

*Fernanda Pratas*²

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Abstract

For decades it has been assumed that, in Creole systems, bare stative verbs mean present, bare nonstatives mean past (Bickerton, 1974). In Capeverdean we do indeed have: *N sabe resposta* ‘I know the answer’ vs. *N kume peixe* ‘I ate fish’. The above generalization, however, is inaccurate: most Capeverdean statives pattern with nonstatives in this respect. Also *sabe* ‘know’ may pattern with nonstatives, challenging this view even further. In this paper I argue that the distinct temporal readings above can only be explained via the internal structure of events. *N sabe resposta* means ‘I got to know’, whose consequent state (Moens & Steedman, 1988) is ‘[now] I know.’

Keywords: Capeverdean, tense-aspect morphology, temporal reference, event structure.

Palavras-chave: caboverdiano, morfologia de tempo-aspecto, referência temporal, estrutura eventiva.

¹ Agradeço as críticas e sugestões ao longo das diversas fases deste trabalho: a Hamida Demirdache, Luís Filipe Cunha e Peter Hallman; ao grupo do G4 (Gramática Generativa às Quartas), no CLUNL; à audiência do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística e ainda às muito úteis observações de dois revisores anónimos. Todos os erros e incorrecções, no entanto, são minha inteira responsabilidade. Um agradecimento especial vai para os meus informantes em Cabo Verde e à Ana Josefa Cardoso, em Lisboa. Este trabalho é uma versão posterior à referida como Pratas (no prelo).

A presente investigação integra-se na fase preparatória do projecto de I&D ‘Eventos e Subeventos em Caboverdiano’, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LIN/103334/2008).

² Bolseira de pós-doutoramento (FCT – SFRH/BPD/28631/2006).

1. Introdução

As diferentes estratégias das línguas para marcação de tempo e de aspecto têm sido alvo de abordagens linguísticas distintas. Na tradição generativista, que inicialmente se centrou nos estudos sintácticos (Chomsky, 1957; 1965), a análise das relações temporais viria a ser por algum tempo uma área reservada à semântica formal (Bennett & Partee, 1972; Bach, 1981; e.o.). Nas últimas décadas, porém, numerosos trabalhos reflectem a proposta de que a estruturação temporal e aspectual das frases se situa na interface da sintaxe com a semântica (Ramchand, 1997; Demirdache & Uribe-Extebarria, 2000; e.o.). As abordagens mais produtivas entre os recentes estudos sobre a sintaxe e a semântica da temporalidade têm em consideração as relações entre o aspecto lexical dos predicados (Aktionsart) e outros possíveis marcadores disponíveis em cada língua (morfemas funcionais, expressões adverbiais, modais, etc.). Assim, a leitura temporal é analisada como estando também dependente, entre outros factores, da estrutura interna dos eventos. Para este tipo de abordagem têm sido seguidas diversas propostas. É o caso da de Dowty (1979), segundo a qual as predicções, associadas aos tipos de situações descritas em Vendler (1967), podem ser decompostas nos predicados básicos Cause, Do e Become, bem como nas possíveis combinações entre estes.

Em caboverdiano, língua crioula de base lexical portuguesa³, um dos fenómenos a explorar nesta área pode ser sintetizado como se segue: a interpretação temporal parece ser condicionada pelo traço lexical de estatividade (Silva, 1985; Baptista, 2002; Pratas, 2004, 2007). A partir de algumas formas verbais aparentemente nuas (não flexionadas) em frases simples podemos de facto observar um contraste entre alguns predicados considerados estativos, como *N sabe risposta* ('Eu sei a resposta'), por um lado, e construções predicativas do tipo dinâmico / eventivo, por outro lado (*N kume pexe* 'Eu comi peixe'). A forma 'nua' de *sabe* seria assim interpretada como presente, a de *kume* como passado. No entanto, quando testamos os valores temporais no seio de contextos mais alargados, obtemos interpretações inesperadas.

O presente artigo parte, assim, da observação seguinte: o caboverdiano coloca sérios desafios à visão tradicional (Bickerton, 1974) segundo a qual a estratégia de construção da referência temporal das línguas crioulas se prende, de forma linear, com a estatividade dos predicados. De facto, a maioria dos predicados desta língua comporta-se de forma semelhante à acima descrita para os eventivos no que respeita à interpretação temporal. Este trabalho pretende mostrar que o elemento crucial – o verbo *sabe* 'saber' –, repetidamente utilizado para defender a existência do referido contraste atrás descrito, pode, na verdade, ser interpretado como um verbo eventivo (uma culminação: 'ficar a saber'; neste aspecto é idêntico a outros verbos considerados estativos, como *lenbra*

³ Por razões de clareza, apenas se considera aqui uma das chamadas 'variedades', a falada na ilha de Santiago. Esta mesma discussão quanto às outras variedades será abordada em trabalhos futuros.

‘lembrar’) ou, por outro lado, revelar uma estrutura interna, que inclui o subevento (Dowty, 1979) ‘ficar a saber’ e o seu estado consequente (Moens & Steedman, 1988), tratando-se portanto, neste último caso, de um estado derivado. É esta última possibilidade que distingue *sabe* e *konxe* de todos os outros verbos da língua.

Este artigo está organizado da seguinte forma: a secção 2 expõe o problema; a secção 3 organiza os verbos em dois grupos, com base em dados apresentados até então; a secção 4 apresenta os morfemas que podem estar envolvidos em combinações distintas e discute as contribuições semânticas de cada um; a secção 5 explica a presente proposta quanto a *sabe* ‘saber’. Finalmente, a secção 6 contém breves notas finais.

2. Os dados e o problema

Nesta secção, serão descritas as diferentes leituras temporais em caboverdiano. A subsecção 2.1 apresenta as interpretações tradicionalmente descritas (embora de outra forma e com outros exemplos) e em 2.2 serão introduzidos dados mais complexos que obrigam a repensar a noção de estatividade como propriedade lexical básica dos verbos.

2.1. O que os dados simples parecem dizer

A partir das formas não abertamente marcadas que se seguem, parece legítimo considerar que existe um contraste entre, por um lado, os verbos *sabe* (1) e *konxe* (2) e, por outro lado, verbos eventivos como *kume* (3). Note-se que o caboverdiano não exhibe qualquer morfologia de concordância de pessoa ou número.⁴

- | | |
|---------------------------------------|------------|
| (1) <i>N sabe risposta.</i> | [presente] |
| 1SG saber resposta | |
| ‘Eu sei a resposta.’ | |
| (2) <i>N konxe Lisboa.</i> | [presente] |
| 1SG conhecer Lisboa | |
| ‘Eu conheço Lisboa.’ | |
| (3) <i>N kume pexe.</i> | [passado] |
| 1SG comer peixe | |
| ‘Eu comi peixe.’ / * ‘Eu como peixe.’ | |

⁴ No presente artigo são usadas as abreviaturas: 1SG / 1PL – primeira pessoa do singular/plural (e assim para todas as outras combinações de pessoa e número); TMA – marcador de tempo/modo/aspecto; COMP – complementador; NEG – negação; LOC – locativo; REL – relativo; DEM – demonstrativo; QUANT – quantificador; PROG – progressivo; HAB – habitual; PST – passado; FUT – futuro; TERM – terminado.

Numa abordagem que não considere contextos mais alargados (isto é, contendo elementos desencadeadores de outras leituras temporais e aspectuais), este tipo de contraste estende-se às combinações destes verbos com três morfemas de marcação temporal e aspectual disponíveis na língua. Entre os alegados contrastes, observamos que: (i) a leitura de habitual para o morfema pré-verbal *ta* está bloqueada com *sabe* e *konxe* (4)-(5), mas é permitida com os verbos reconhecidamente eventivos (6); (ii) o morfema pós-verbal *-ba* marca passado com *sabe* e *konxe* (7)-(8), mas com os eventivos marca apenas o mais-que-perfeito (9); (iii) *sata*, morfema pré-verbal marcador de progressivo, parece proibido com *sabe* e *konxe* (10)-(11), mas é seguramente permitido com eventivos, tanto no presente como no passado (12).

- (4) *N ta sabe resposta.*
‘Eu saberei a resposta.’ / * ‘Eu sei a resposta.’
- (5) *N ta konxe Lisboa.*
‘Eu conhecerei Lisboa.’ / * ‘Eu conheço Lisboa.’
- (6) *N ta kume pexe.*
‘Eu como peixe.’
- (7) *N sabeba resposta.*
‘Eu sabia a resposta.’
- 8) *N konxeba Lisboa.*
‘Eu conhecia Lisboa.’
- (9) *N kumeba pexe.*
‘Eu tinha comido peixe’ / * ‘Eu comi/comia peixe.’
- (10) * *N sata sabe resposta.* / * *N sata sabeba resposta.*
‘Eu estou / estava a saber a resposta.’
- (11) * *N sata konxe Lisboa.* / * *N sata konxeba Lisboa.*
“Eu estou / estava a conhecer Lisboa.”
- (12) *N sata kume pexe.* / *N sata kumeba pexe.*
‘Eu estou / estava a comer peixe.’

2.2. O que mostram dados mais complexos

Conforme descrito em Pratas (no prelo), estas generalizações enfrentam dois problemas cruciais (que já tinham sido levantados, de formas diferentes, em Silva (1985); Suzuki (1994); Baptista (2002); Pratas (2007); Borik & Pratas (2008)).

Um desses problemas consiste no facto de as referidas considerações não se aplicarem à maioria dos verbos tradicionalmente considerados estativos (para o caboverdiano, este “grupo” está descrito, por exemplo, em Silva (1985)). Na verdade, e de acordo com os meus informantes, as formas não marcadas dos verbos *lenbra* ‘lembrar’ (13), *ntende* ‘entender’ (14) e *kridita* ‘acreditar’ (15), entre outros, apresentam um comportamento idêntico ao acima descrito para os verbos eventivos. Note-se que

isto não sucede apenas quando exibem uma leitura de tipo télico; também quando existe a possibilidade de serem interpretados como uma propriedade (leitura estativa), o seu comportamento face à morfologia temporal continua a ser distinto do de *sabe* e *konxe*.

- (13) *N lenbra di kel storia dretu.*
 1SG lembrar de DEM história bem
 ‘Eu lembrei-me bem daquela história.’/* ‘Eu lembro-me bem daquela história.’
- (14) *N ntende tudu kuza. Ami-N e spertu.*
 1SG entender QUANT coisa 1SG-1SG ser esperto
 ‘Eu entendi tudo. Eu [cá] sou esperto.’/* ‘Eu entendo tudo. Eu sou esperto.’
- (15) *N kridita na bo. Ami-N e palerma.*
 1SG acreditar LOC 2SG.1SG-1SG ser palerma
 ‘Eu acreditei em ti. Sou um palerma.’/* ‘Eu acredito em ti. Sou um palerma.’

Para uma leitura de presente, estes predicados necessitam da marcação com *ta*.

Outro problema diz respeito às interpretações temporais disponíveis para *sabe* ou *konxe* quando estes verbos estão inseridos em determinados contextos mais alargados. Isto significa, assim, que certos ambientes legitimam: (i) uma leitura de passado para a forma não abertamente marcada (16)-(17) e (ii) possíveis combinações com o morfema *ta* no seu valor de habitual (18) ou com o progressivo *sata* (19)-(20).

- (16) *(Onti) N sabe ma bebe di Lurdes dja nase.*
 ontem 1SG saber COMP bebé de Lurdes TMA nascer
 ‘(Ontem) Soube que o bebé da Lurdes nasceu.’
- (17) *(Onti) N konxe bo maridu na festa.*
 ontem 1SG conhecer 2SG marido LOC festa
 ‘(Ontem) Conheci o teu marido na festa.’
- (18) *Tudubes ki N ta purgunta-u, bu ta sabe/konxe risposta.*
 QUANT VEZ REL 1SG HAB perguntar-2SG 2SG HAB saber/conhecer resposta
 ‘Sempre que eu te pergunto, tu sabes a resposta.’
- (19) *Gosi ki N sata sabe ma bu txiga.*
 agora REL 1SG PROG saber COMP 2SG chegar
 ‘Agora é que estou a saber que tu chegaste.’
- (20) *N sata gosta di aula. N sata konxe algen txeu.*
 1SG PROG gostar de aula. 1SG PROG conhecer alguém QUANT
 ‘Eu estou a gostar das aulas. Estou a conhecer muitas pessoas.’

Como se pode observar pelos exemplos acabados de enumerar, torna-se necessária uma análise mais profunda das propriedades semânticas destes verbos, de modo a poder

dar conta destes contrastes. Que propriedade é responsável pelos comportamentos das frases em (1)-(2) e, por outro lado, nas de (16)-(20)?⁵

Existem duas possibilidades: (i) a noção de estatividade precisa de uma análise mais adequada (isto significa ter de definir, para o caboverdiano, diferentes propriedades deste traço semântico de algumas predicções – e não dos verbos, em si, conforme nota um revisor anónimo – e determinar quais são, entre estas, as que parecem cruciais para o problema em questão); (ii) a estatividade não é, de todo, para aqui chamada.

A próxima secção procura organizar os verbos em dois grupos, tendo como base o seu comportamento (restrições e interpretação) quanto às combinações com os diferentes morfemas de marcação temporal e aspectual.

3. Os verbos: novos arranjos

Partindo dos elementos centrais das predicções em análise – os verbos –, a sua organização por grupos (quanto às leituras temporais e aspectuais, mediante a marcação morfológica disponível) pode ser traçada da seguinte forma:

A. – de um lado, os que mostram obrigatoriamente: uma leitura de passado para as formas não abertamente marcadas, uma leitura complexa para as formas marcadas por *ta* (habitual/futuro/condicional), leitura de progressivo para *sata*. Estes são os verbos do Grupo 1; todos obedecem à predição de Bickerton para os não-estativos.

B. – do outro lado, aqueles que podem mostrar um comportamento idiossincrático, tal como uma leitura de presente quando não existe nenhum morfema realizado; estes são os verbos no Grupo 2; note-se que a predição de Bickerton para os estativos é desadequada pelo menos no que respeita aos verbos em (b); estes parecem obedecer-lhe em certos contextos mas não noutros.

A. Grupo 1

(a) todos os eventivos: *kore* ‘correr’, *txiga* ‘chegar’, *le* ‘ler’, etc.;

⁵ Um revisor anónimo aponta que as propriedades de *sabel/konxe* ilustradas em (1)-(2) e em (16)-(20) parecem similares às dos verbos ‘saber’/‘conhecer’ em português, e dos epistémicos em geral. Em contextos como (i), são claramente estativos; em contextos como (ii), são eventivos (culminações), indicando a entrada num estado consequente:

(i) Sei inglês *no domingo/*em três dias

(ii) Soube a notícia no domingo

A noção da “entrada num estado consequente” do exemplo em (ii), é precisamente a noção crucial da proposta que aqui se defende. No entanto, o contraste interessante em relação ao português (e a outras línguas) consiste no facto de *sabe* e *konxe* poderem ter uma interpretação de presente (não habitual, ou seja, do tipo disponível para os estados) na sua forma não abertamente marcada, quando isso está proibido para outros verbos lexicais, mesmo aqueles que tradicionalmente têm sido considerados estativos (como se verá, excluem-se aqui predicções como *E sta duenti* ‘Ele está doente’).

(b) auxiliares aspectuais: *kumesa* ‘começar’, *para di* ‘parar de’, *dexa di* ‘deixa de’, *fika* ‘ficar’, *kontinua* ‘continuar’, etc.

(c) alguns verbos tradicionalmente considerados estativos, pelo menos em alguns contextos⁶: *kridita* ‘acreditar’, *skisi* ‘esquecer’, *lenbra* ‘lembrar’, *spera* ‘esperar’, *ntende* ‘entender’, *txera* ‘cheirar’, *obi* ‘ouvir’, *odja* ‘ver’, etc.

B. Grupo 2

(a) verbos cujas formas realmente nuas (ou seja, não marcadas pelo morfema zero) são obrigatoriamente interpretadas como presente (alguns destes verbos apresentam propriedades tipicamente modais): *kre* ‘querer’, *gosta* ‘gostar’, *parse* ‘parecer’, *meste* ‘precisar’, *ten* ‘ter/possuir’, *tene* ‘ter momentaneamente’, *sta* ‘estar’, *e* ‘ser’, *pode* ‘poder’, *debe* ‘dever’.

(b) verbos lexicais que, quando não abertamente marcados, podem de facto ser interpretados como presente (é neste ponto que contrastam com os do Grupo 1 (c)); podem também, no entanto (e aqui assemelham-se aos do Grupo 1 (c)), ser interpretados como passado, se inseridos num contexto relevante. Estes verbos são: *sabe* ‘saber’, *konxe* ‘conhecer’ (e eventualmente algum outro não identificado nesta investigação).

Desta divisão dos verbos da língua ressaltam duas observações significativas: (i) a propriedade mais relevante para traçar a separação entre os grupos não é a estatividade das predicções em que eles podem entrar (o Grupo 1 inclui verbos tipicamente eventivos (a) e outros que podem entrar em predicções de tipo estativo mas também noutras de tipo eventivo (c)); (ii) os factos intrigantes dizem respeito ao Grupo 2 (b).

4. Quatro morfemas: combinações e contribuições semânticas

A presente secção apresenta os morfemas relevantes (4.1) e expõe a discussão sobre os valores dos diferentes morfemas e as operações em que eles participam. (4.2).

4.1. Os morfemas

(21) \emptyset V

N kume pexe na djanta. [terminado]
 1SG \emptyset comer peixe LOC jantar
 “I ate fish at dinner.”

⁶ Note-se que estes têm este comportamento quanto às leituras temporais mesmo quando ocorrem em contextos claramente não eventivos. Veja-se a necessidade de *ta* para marcar presente em (i)a-b:

(i) a. *Bu debe uza óklu pamodi bu ka ta odja dretu.*

‘Deves usar óculos porque não vês bem.’ [propriedade]

b. *N ta kridita na Nhor Dés.*

‘Eu acredito em Deus.’ [sou crente]

(22) *ta* V

a. *N ta kume pexe tudu dia.* [presente habitual]

1SG HAB comer peixe QUANT dia

‘Eu como peixe todos os dias.’

b. *Manha, N ta kume pexe na djanta.* [futuro]

amanhã 1SG HAB comer peixe LOC jantar

‘Amanhã, como/comerei peixe ao jantar.’

(23) *sata* V

N sata kume pexe. [presente progressivo]

1SG PROG comer peixe

‘Eu estou a comer peixe.’

(24) \emptyset V-*ba*

N kumeba pexe na djanta y dipos N bai deta. [mais-que-perfeito]

1SG \emptyset comer.PST peixe LOC jantar e depois 1SG ir deitar

‘Eu tinha comido peixe ao jantar e depois fui-me deitar.’

(25) *ta* V-*ba*

a. *Un bes, N ta kumeba pexe tudu dia.* [passado habitual]

uma vez 1SG HAB comer.PST peixe QUANT dia

‘Antigamente, eu comia peixe todos os dias.’

b. *Si N podeba, N ta kumeba pexe tudu dia.* [condicional]

se 1SG poder.PST, 1SG HAB comer.PST peixe QUANT dia

‘Se eu pudesse, comia/comeria peixe todos os dias.’

(26) *sata* V-*ba*

Kelora N ka bai pamodi N sata kumeba. [passado progressivo]

DEM.hora 1SG NEG ir porque 1SG PROG comer.PST

‘Naquele momento eu não fui porque estava a comer.’

4.2. Significados

As contribuições semânticas de alguns destes morfemas estão entre os mais apreciados objectos de estudo no que respeita à gramática do caboverdiano. A presente análise inclui os quatro morfemas principais: em 4.2.1 temos *sata*, \emptyset e *-ba*; em 4.2.2 e em 4.2.3 temos novas perspectivas sobre o mais complexo *ta*.

4.2.1. Tempo (-ba) e aspecto (sata e ø)

Indiscutivelmente, *-ba* marca passado; ou seja, é o núcleo de uma projecção T, para tempo. Também inegável é o significado progressivo de *sata*.

Zero – ø –, porém, tem sido amplamente debatido. Marca passado ou perfectivo? Tempo ou aspecto? Antes de mais, existem fortes razões para considerar que as formas não abertamente marcadas dos verbos eventivos são na verdade marcadas pelo morfema ø. É um facto que (21) tem uma interpretação de passado simples. Mas se fosse o caso de os verbos eventivos estarem lexicalmente marcados para passado (o que significaria a não existência de ø nestes contextos), então não haveria qualquer razão para que o verbo em (23) não tivesse uma leitura de passado progressivo; compare-se com (26), onde o passado progressivo é obtido pela combinação *sata V-ba*. Um raciocínio semelhante poderia ser aplicado se assumíssemos que em (21) existe um ø mas que este funcionaria como marcador de tempo. Se assim fosse, este morfema zero deveria poder alterar para passado o tempo de qualquer frase; ou seja, não se compreenderia porque é que o passado progressivo precisa de *-ba* (note-se ainda que, se ø fosse um marcador de tempo – passado –, então não haveria razão para que ele não pudesse co-ocorrer com *sata*, claramente marcador de aspecto).

A proposta alternativa aqui assumida é, portanto, a de que ø é um operador nulo que adiciona um aspecto terminado⁷ (ponto de vista) ao evento em questão. A leitura temporal em (21) – pretérito – é apenas um efeito desta operação aspectual, nos seguintes termos. Mesmo no caso de bases atéticas, temos agora um novo argumento eventivo, que é ligado pelo tempo de referência; quando mais nenhuma informação é fornecida este é, por defeito, o tempo da enunciação. E assim a asserção contida na frase tem uma interpretação de passado: ‘[agora] eu comer.TERM’; ou seja, ‘eu comi’.

Esta operação não envolve quaisquer efeitos de telicidade (Aktionsart) sobre um predicado que era atético. *Djon ø nada* ‘[agora] o Djon nadar.TERM’ continua a ser um evento atético (um processo). Sabemos que assim é porque: (i) podemos aplicar à frase uma expressão adverbial de duração como ‘durante duas horas’; (ii) a cumulatividade e a homogeneidade típicas dos eventos atéticos mantêm-se inalteradas – as condições de verdade que se aplicam ao evento também se aplicam a subpartes dele; assim, ‘O Djon nadar.TERM das 9 às 11’ implica que ‘O Djon nadar.TERM das 9 às 10.’ O que é aqui introduzido pelo morfema zero é um ponto de terminação (arbitrário). Note-se que terminação é diferente de culminação (aquela ocorre com processos / actividades e esta com processos culminados / *accomplishments* e culminações / *achievements*); só a culminação (e não a terminação) implica um estado consequente.

⁷ Um revisor anónimo sugeriu que a anterior noção de perfectividade fosse aqui substituída pela de terminatividade, sem qualquer prejuízo para análise em causa e com alguns ganhos do ponto de vista da clareza na descrição das relações aspectuais. Esta sugestão foi aceite.

Neste ponto torna-se necessário lembrar que os predicados télicos, que contêm em si mesmos um *endpoint*, precisam ainda assim de um operador nulo. Nesse caso, o efeito do operador é o de completude: impõe uma interpretação completiva à culminação (Kratzer, 2004; Hallman, 2009a). Se assim não fosse, o predicado receberia uma leitura partitiva. Este facto relaciona-se com um puzzle inter-linguístico interessante (parte do chamado Paradoxo do Imperfectivo). Consideremos o par seguinte (adaptado de Hallman, 2009a:30):

- (27) a. O Osbert atravessou a rua.
b. O Osbert estava a atravessar a rua.

Afirma o autor: “a telicidade do sintagma verbal subjacente [...] não projecta para a forma progressiva derivada; o progressivo não assume qualquer compromisso quanto aos desenvolvimentos no mundo real depois do tempo de referência.” Por esta razão, (27b) não implica (27a). Por outro lado, e uma vez que “a completude normal de um evento garante a existência de subintervalos normais desse evento, (27a) implica (27b).”

Assim, a presente proposta é a de que um operador semelhante – uma alternativa nula ao morfema de progressivo – existe em caboverdiano, com a diferença de que este se aplica à base do predicado (e não ao seu passado). Este operador tem os seguintes efeitos, dependentes da estrutura interna básica das predicções:

- (28) \emptyset aplicado a bases atélicas → terminação
 \emptyset aplicado a bases télicas → completude

Estes efeitos (que no entanto serão em ambos os casos designados por TERM, uma vez que o seu efeito depende apenas do predicado) tornam-se mais visíveis pela estranheza das frases seguintes:

- (29) ?? *Djon* \emptyset *nada* *y inda* *e* *sata nada*.
Djon TERM nadar e ainda 3SG PROG nadar
?? ‘O Djon nadou e ainda está a nadar.’

- (30) * *Djon* \emptyset *trabesa* *strada* *y inda* *e sata* *trabesa-l*.
Djon TERM atravessar rua e ainda 3SG PROG atravessar-3SG
* ‘O Djon atravessou a rua e ainda está a atravessá-la.’

Assumindo que este operador nulo está em distribuição complementar com o morfema de progressivo, podemos perceber então qual a projecção em que são inseridos \emptyset e *sata*: uma projecção T responsável por operações aspectuais.

Existem assim, pelo menos, duas projecções T (a de tempo, em que *-ba* pode ser, ou não ser, inserido, e a de aspecto gramatical, em que podem ser inseridos, alternativamente, \emptyset ou *sata*), que poderão ser analisadas nos termos da proposta em Demirdache &

Uribe-Etxebarria (2000). Estas especificações quanto à estrutura funcional da frase em caboverdiano serão desenvolvidas em trabalhos futuros.

4.2.2. Situações modais com *ta*: “perspectiva aspectual”

O mais enigmático de todos os morfemas funcionais é, no entanto, o pré-verbal *ta*. Participa na construção de valores de habitual, futuro, condicional (tanto futuro como passado) e ainda em algumas orações não finitas encaixadas que parecem corresponder às construções com infinitivo preposicionado do português, nomeadamente com verbos perceptivos (*N obi mininus ta kanta*. ‘Eu ouvi os meninos a cantar.’) ou auxiliares aspectuais (*N kumesa ta kanta*. ‘Eu comecei a cantar.’).

Conforme foi proposto em Cunha (2007) para as formas de quantificação sobre eventos em português, um predicado marcado para habitualidade expressa uma generalização e adquire propriedades típicas dos estados de indivíduo. Mais especificamente, o habitual traz à construção uma “perspectiva aspectual”, mais do que actua como um operador. Assim, o habitual não muda/esconde todas as propriedades do evento base no que respeita ao seu aspecto lexical. Isto difere do que se passa com a iteração (uma outra forma de expressar repetição), que tem predicados pontuais como *input* e cujos *outputs* são tipicamente processos (como é o caso de ‘tossir’, ‘saltar’ ou ‘bater à porta’).

Os exemplos seguintes ilustram diversas construções com valor de habitual / genérico em caboverdiano. Partem de eventos base com diferentes propriedades aspectuais: processos (31), (32); processo culminado (33); culminação (34).

- (31) *Djon ta fumaba, mas gosi e ka ta fuma mas.*
‘O Djon fumava mas agora já não fuma.’
- (32) *Tudu manha ta txobi na Lisboa.*
‘Todas as manhãs chove em Lisboa.’
- (33) *Maria ta kore dos kilometru tudu dia dimingu.*
‘A Maria corre dois quilómetros todos os domingos.’
- (34) *Pursor ta txiga tardi tudu dia.*
‘O professor chega tarde todos os dias.’

Tendo em conta que esta expressão de uma propriedade é (parcialmente) semelhante aos estados, então não é surpreendente que os estados típicos (como em *Mario e grandí* ‘O Mário é alto’, *Pedru sta duenti* ‘O Pedro está doente’) nunca se combinem com *ta*. Também nunca se combinam com *sata*, o que faz igualmente sentido; note-se que também os progressivos têm propriedades comuns aos estados.

4.2.3. Ainda *ta*: marcando o incerto

Em alguns contextos, *ta* contribui com uma leitura de futuro. Outros contextos em que ocorre são o condicional, que usando as combinações do habitual, presente e passado. Em Pratas (2007), a análise das construções condicionais em caboverdiano é sustentada pela proposta em Iatridou (2000) para o grego moderno (GM). Considere-se a relação comum ‘se p, q’ (cujo antecedente em português surge no conjuntivo):

- (35) *Si N fikaba na Praia un anu, N ta papiaba kriolu.*
 se 1SG ficar.PST LOC Praia um ano, 1SG TA falar.PST crioulo
 ‘Se eu ficasse na Praia um ano, eu falava/falaria crioulo.’

A autora refere-se aos condicionais deste tipo no GM como sendo do tipo Future Less Vivid (FLV) (Iatridou, 2000:234), mas apresenta também exemplos de um Future Neutral Vivid (FNV).

- (36) a. *An eperne afto to siropi tha γlinotan kala.* [FLV]
 se tomar.PST.IMP este xarope FUT ficar.PST.IMP bem
 ‘Se ele tomasse este xarope ficava/ficaria melhor.’
- b. *An pari afto to siropi tha γlini kala.* [FNV]
 se tomar.NONPST.PER este xarope FUT ficar.NONPST.PER bem
 ‘Se ele tomar este xarope ficará melhor.’

A frase em (36b) refere-se claramente ao futuro e poderia ser uma instrução dada a uma pessoa que está a tomar conta de alguém doente; já com (36a) pode, também, ser este o caso, residindo a diferença em relação à frase anterior na atitude do enunciador: enquanto em (36a) o mais provável para ele/a é ~p (o antecedente não é actualizado no mundo real), em (36b) não existe esta convicção. Assim, a contrafactualidade é aqui uma implicatura (não uma pressuposição). Isto é diferente de um contrafactual no passado (PC). Comparem-se, em português, a frase (37a) com as (37b,c):

- (37) a. Se ele tivesse tomado o xarope, teria ficado melhor. (PC)
 b. Se ele tomasse o xarope, ficaria melhor. (FLV)
 c. Se ele tomar o xarope, ficará melhor. (FNV)

Iatridou (2000) argumenta que o passado imperfectivo em (36a) é um tempo ‘a fingir’ (*fake tense* ou *fake past*) e também um aspecto gramatical ‘a fingir’ (*fake aspect* ou *fake imperfective*), uma vez que o evento é interpretado perfectivamente e pode ocorrer no futuro. Pratas (2007) aplica a mesma linha de raciocínio para o condicional do tipo FLV em caboverdiano (38a).

- (38) a. *Si ekoreba faxi e ta txigaba sedu.* [FLV]
 se 3SG correr.PST depressa 3SG TA chegar.PST cedo
 ‘Se ele corresse depressa, chegava/chegaria cedo.’
- b. *Si e kore faxi e ta txiga sedu.* [FNV]
 se 3SG correr depressa 3SG TA chegar cedo
 ‘Se ele correr depressa, chega/chegará cedo.’

Na oração consequente temos assim, igualmente, um tempo ‘a fingir’ e um aspecto ‘a fingir’: na verdade, nada determina que o tempo da chegada não possa situar-se no futuro; quanto ao aspecto gramatical, ele não pode com certeza corresponder a um habitual, tem de ser episódico. Para que a chegada possa ser (embora não necessariamente) interpretada como habitual, algo diferente deveria ser dito na oração antecedente:

- (39) *Si e ta koreba faxi e ta txigaba sedu.*
 se 3SG HAB correr.PST depressa 3SG TA chegar.PST cedo

A frase em (39) tem a seguinte interpretação: se ele tivesse a propriedade de correr depressa (se ele fosse um corredor veloz), chegava/chegaria cedo (por exemplo ontem / amanhã, ou então todas as manhãs / aos domingos / sempre, etc.).

Quanto aos PC’s, em caboverdiano eles têm a mesma expressão do que os FLV’s, e a sua interpretação específica é dada contextualmente.

Em suma, se assumirmos que os condicionais, quer no passado quer no futuro, são formas de nos referirmos a mundos possíveis (também no FNV, como (38b), o evento da oração consequente depende da actualização da condição contida na oração antecedente), o que temos é assim uma contribuição modal do morfema *ta*. Esta observação é coerente com o que se passa em português, em que as orações consequentes podem ser (e são-no com frequência) construídas com o passado/ presente imperfectivo / habitual (compare-se (37) com (40)).

- (40) a. Se ele tivesse tomado o xarope, tinha ficado melhor. (PC)
 b. Se ele tomasse o xarope, ficava melhor. (FLV)
 c. Se ele tomar o xarope, fica melhor. (FNV)

Todos os elementos na descrição acima levam à presente proposta: o morfema pré-verbal *ta* desempenha uma função complexa (o facto de construções diferentes envolverem combinações morfológicas idênticas é um facto comum em diversas línguas). Esta função, nas suas múltiplas expressões, é incompatível tanto com o morfema zero, marcador de terminatividade, como com o progressivo *sata*.

Quanto ao valor de habitual para *ta*, se esta expressão de uma propriedade é (parcialmente) semelhante aos estados, fica assim explicada a sua incompatibilidade com outras construções de tipo estativo ou similares (tais como *El e bunitu* ‘Ele é bonito’,

mas também construções progressivas). Ela é também incompatível com construções marcadas pelo morfema zero, operador de terminatividade que, como vimos, desencadeia uma leitura de pretérito; o pretérito também está disponível para predicacões com *ta*, mas este é construído por *ta V-ba*.

Fica por explicar, em trabalhos futuros, a incompatibilidade de *sata* e de \emptyset com *ta* quando este apresenta um valor de futuro ou de condicional (ambos estes valores incluem um certo grau de incerteza quanto ao evento que denotam, e este traço estará possivelmente envolvido nesta incompatibilidade).

5. E se *sabe* e *konxe* pertencerem a um tipo diferente de estados?

A estatividade, como propriedade básica de certos predicados, é, assim, insuficiente para dar conta destes factos. Vimos que é possível traçar, para o caboverdiano, uma divisão entre, por um lado, aqueles verbos cuja forma não abertamente marcada significa necessariamente passado (Grupo 1: todos os eventivos; a maioria dos verbos tradicionalmente considerados estativos, pelo menos em alguns contextos; auxiliares aspectuais) e, por outro lado, aqueles cuja forma não abertamente marcada significa presente (Grupo 2: (a) alguns verbos que exibem propriedades modais, e (b) *sabe* e *konxe*, também tradicionalmente considerados estativos, em alguns contextos). Ou seja, em ambos os grupos existem verbos que entram em predicacões do tipo estativo. A questão que se mantém sem resposta é: que traço distintivo justifica os seus diferentes comportamentos quanto à leitura temporal?

5.1 Um estado crucial: o consequente

A presente proposta é a de que a maioria dos verbos do caboverdiano tradicionalmente descritos como estativos, como os listados no Grupo 1 alínea (c), podem ocorrer em dois tipos de predicacões: (i) de tipo eventivo (culminacões, como em *Kantu N lembra di bo...* ‘Quando me lembro de ti...’; (ii) de tipo estativo que, no entanto, suportam uma leitura de tipo processual (seguindo a proposta de Cunha (2004) para o português), mesmo se, apesar de tudo, se mantêm distintos dos processos básicos. Em qualquer dos casos, apresentam um comportamento (quanto à leitura temporal para as diversas combinações com os morfemas disponíveis) idêntico ao dos verbos que apenas entram em construções tipicamente eventivas.

Por outro lado, existe um outro tipo de estados muito relevante nesta discussão: são os estados consequentes (Moens & Steedman, 1988) específicos de algumas (não todas as) culminacões. Assim, digamos que a língua tem disponível a culminacão seguinte: *N sabe* ‘Eu soube/fiquei a saber’. Esta culminacão pode ocorrer de forma independente: *sabe* pode apresentar um significado não estativo (como na frase em (16) *N sabe ma bebe di Lurdes dja nase* ‘Eu soube que o bebé da Lurdes nasceu’). Mas esta culminacão pode também ocorrer como parte de uma estrutura eventiva complexa. Neste caso, constitui

um subevento do tipo *Become* (Dowty, 1979), em cujo estado consequente está ancorada a interpretação temporal do predicado.

Em Gehrke & Grillo (no prelo) existe uma proposta relacionada para os estativos em inglês que podem ser sujeitos a passivização: *know* ‘saber’, *believe* ‘acreditar’, *own* ‘possuir’. Dizem os autores: “os verbos do tipo de *know* permitem uma leitura em que o estado denotado pelo verbo é reinterpretado como um estado consequente, um estado que ganhou existência [...]” (p.15).

O mecanismo proposto no presente trabalho, no entanto, é ligeiramente distinto: em vez de adicionar uma predicação do tipo *Become* a um verbo estativo (que assim continua a não ter uma estrutura interna complexa), o que aqui se argumenta é que a base é um evento télico (uma culminação) que, com o seu estado consequente, pode participar num evento com uma estrutura interna complexa. Sabemos estar perante uma forma ou outra de *sabe* pela informação contextual. Quanto ao verbo caboverdiano *kridita* ‘acreditar’, ele não se comporta como *sabe* ‘saber’, e quanto a ‘possuir’, o único equivalente em caboverdiano é *ten*, que exhibe propriedades modais.

O tipo particular de estado consequente referido acima – e, logo, a viabilidade do estado derivado em questão – é o traço semântico distintivo destes eventos em caboverdiano. Existem razões empíricas para assumir que não ocorrem operações aspectuais similares com outros eventos. Não ocorrem, por exemplo, com *lenbra*, mesmo se este pode apresentar um significado de tipo estativo (dos referidos estados que admitem uma leitura processual; ‘lembro com prazer os velhos tempos’) mas também como uma culminação (‘lembrei-me agora de te perguntar...’). Note-se que as duas entradas (estativa e não estativa) ocorrem de forma independente. Ambas se comportam de forma idêntica quanto à morfologia de tempo. As razões destas diferenças entre verbos como *sabe* e outros como *lenbra* serão alvo de trabalhos futuros.

5.2 Resultados temporais

No que respeita à sua interpretação temporal, aquele tipo específico de estado, *sabe*, comporta-se de forma idêntica a outros estados derivados ou similares, tal como os constituídos por contextos progressivos e também por construções habituais (os últimos, como vimos, mostram propriedades típicas dos estados, embora não tenham sido apagados todos os traços aspectuais dos predicados base, que são eventivos).

De modo a poder dar conta deste comportamento, segue-se no presente trabalho a proposta em Hallman (2009b). Sabe-se que as construções progressivas se assemelham a estados porque “ambos os predicados são verdadeiros relativamente a momentos, em oposição aos predicados eventivos, que são verdadeiros relativamente a intervalos de tempo” (p. 19). Esta ideia é sustentada pelo paralelo apresentado em Vlach (1981) para os progressivos e os estados: o progressivo converte uma descrição eventiva numa expressão não eventiva. Por isso ambos, estados e construções progressivas, são legítimos no presente em inglês (e em caboverdiano), enquanto as construções eventivas o não são (numa leitura não habitual).

Esta perspectiva dá assim conta das interpretações temporais disponíveis para os predicados em caboverdiano. Temos ‘[agora] eu sei’ (onde ‘agora’ é um momento, não um intervalo de tempo) como um estado derivado a partir da culminação ‘[agora] eu saber.TERM’ mais o seu estado consequente. Por outro lado, para outros eventos télicos (processos culminados, culminações) temos estados consequentes do tipo ‘[agora] comer.TERM um peixe’, o que nunca pode significar ‘[agora] como um peixe’. Da mesma forma, as entradas télicas de verbos tradicionalmente considerados estativos não entram na constituição de eventos complexos com uma estrutura interna do género disponível para *sabe*. Foi o que vimos com *lenbra*. Mas temos também o caso de *kridita* ‘acreditar’: ‘[agora] acredito em ti’ não é um estado consequente lógico para ‘[agora] acreditar.TERM em ti’. Recordemos, a propósito desta formulação, que a asserção contida numa frase cujo verbo é marcado pelo morfema zero está ligada a um tempo de referência. Quando nenhuma outra informação é expressa, esse tempo de referência é o momento da enunciação.

Em (41) podemos observar diferentes interpretações para cada um dos morfemas. Todas as frases podem ser convertidas para uma leitura de passado se o morfema temporal *-ba* for inserido, numa projecção mais alta. Neste caso, o instante de validação não seria ‘agora’ (o tempo da enunciação) mas alguma coisa como ‘então’ (um tempo de referência anterior ao momento da enunciação). Note-se ainda que a frase em (41c) denota um evento com uma estrutura interna complexa: o morfema \emptyset aplica-se ao seu subevento (do tipo *Become*) e não ao estado em que se ancora a interpretação temporal.

- (41) a. *N \emptyset kume pexe.* ‘[agora] comi peixe.’
 b. *N \emptyset sabe risposta.* ‘[agora] fiquei a saber a resposta.’
 c. *N sabe risposta.* ‘[agora] sei a resposta.’
 d. *N sata kume pexe.* ‘[agora] estou a comer peixe.’
 e. *N sata sabe mas txeu.* ‘[agora] estou a saber muito mais.’
 f. *N ta kume pexe.* ‘[agora] tenho a propriedade de comer peixe.’
 g. *Tudu bes ki pursor ta purgunta-m un kuza N ta sabe risposta.*
 ‘[agora] tenho a propriedade de saber a resposta de todas as vezes que o professor pergunta alguma coisa.’

Como nota final, resta acrescentar o seguinte: podemos observar que todas as frases em (41) são verdadeiras relativamente a momentos. Esta observação conduz à proposta de que todos estes contextos expressam, de facto, alguma forma de situação estativa. Note-se, no entanto, que esta proposta tem implicações diferentes das da generalização de Bickerton.

Finalmente, e retomando as possibilidades enumeradas na secção 1: (i) a noção de estatividade requer uma descrição mais refinada (tratar-se-ia aqui de encontrar e definir as propriedades relevantes para as predicções em caboverdiano; talvez esta procura pudesse estender-se a outras línguas); (ii) a estatividade está inocente no que respeita a este puzzle. Como espero tenha ficado claro nesta altura, a hipótese aqui defendida é

uma extensão de (i). De facto, a estatividade não parece associar-se aos verbos enquanto itens lexicais, sendo necessário investigar melhor quais as propriedades que permitem, para determinado verbo, a entrada numas predicacões e não noutras. Espero, também, ter contribuído para a discussão do conceito de estatividade, incluindo na discussão a noção de estado consequente como parte de determinadas predicacões estativas derivadas. Alguns estados derivados do caboverdiano – e não estados básicos – são aqueles cujas formas não abertamente marcadas são interpretadas como presente. Este grupo inclui: estados típicos, tais como *el e grandi* ‘ele é alto’ ou *el sta duenti* ‘ele está doente’ e os que têm uma estrutura interna complexa (culminação mais estado consequente), como *sabe* e *konxe* quando em determinados contextos.

6. Notas finais

A estatividade, como propriedade semântica de alguns predicados base, não dá conta, para o caboverdiano, do seguinte contraste quanto às interpretações temporais: *N sabe risposta* ‘Eu sei a resposta’ e *N kume pexe* ‘Eu comi peixe’. Na verdade, a maioria dos verbos tradicionalmente descritos como estativos – e que entram de facto num certo tipo de predicacões estativas – comportam-se como os eventivos a este respeito. Neste trabalho, proponho que isto acontece porque estes verbos (que podem também ocorrer como culminações) exibem, na sua forma de tipo estativo, um comportamento aspectual do tipo dos processos (embora continuem a ter traços estativos típicos, como é possível observar com determinados testes aspectuais – ver Pratas (no prelo)).

Quanto a *sabe* e *konxe*, em certos contextos são também eventos tipicamente télicos (culminações). O elemento crucial nesta língua (possivelmente será também o caso de outras línguas crioulas) é o facto de estes verbos poderem, por outro lado, entrar em construções que denotam eventos com uma estrutura interna complexa (um subevento do tipo Become mais um estado consequente). Para a culminação temos uma representação do tipo ‘[agora] fiquei a saber’ (o tempo de referência e tempo da enunciação coincidem); para o estado consequente, e assumindo que os estados são verdadeiros relativamente a instantes, temos ‘[agora] eu sei’. Verificamos ainda que os estados consequentes para outros verbos não são parte de qualquer estrutura complexa do mesmo género.

Estas diferenças estão ainda sujeitas a investigação, no sentido de obter uma melhor descrição dos factos e uma explicação elegante que permita dar conta de todas as faces deste puzzle. Esse é o objecto de diversos trabalhos em curso.

Referências

- Bach, Emmon (1981) On time, tense and aspect: an essay in English metaphysics. In Peter Cole (org) *Radical pragmatics*. Academic Press, pp. 63-81.
- Baptista, Marlyse (2002) *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Bennet, M. & B. Partee (1978) *Toward the Logic of Aspect and Tense in English*. Bloomington IN: Indiana University Linguistics Club.
- Bickerton, Derek (1974) Creolization, linguistic universal, natural semantax and the brain. *University of Hawaii Working Papers in Linguistics* 6:3, pp. 124-141.
- Borik, Olga & Fernanda Pratas. 2008. Stativity and Temporal Interpretation in CV. FACS, Tromsø, Novembro.
- Chomsky, Noam (1957) *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.
- Chomsky, Noam 1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Cunha, Luís Filipe (2004) Semântica das Predicações Estativas. Dissertação de doutoramento. Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2007) Algumas Reflexões em torno das Possibilidades de ‘Contagem’ no Domínio das Eventualidades. In Maria Lobo & Maria Antónia Coutinho (orgs) *Textos Seleccionados do XXII Encontro da APL*. Lisboa: Colibri, pp. 341-353
- Demirdache, Hamida & Miryam Uribe-Extebarria (2000) The Primitives of Temporal Relations. In R. Martin, David Michaels, & J. Uriagereka (orgs) *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press , pp. 157-186
- Dowty, David R. (1979) *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- Gehrke, Berit & Nino Grillo (in press). How to become passive. In K. Grohmann (org.) *Exploration of Phase Theory: features, arguments, and interpretation at the Interfaces*. Berlin: De Gruyter.
- Hallman, Peter (2009a) Proportions in Time: Interactions of Quantification and Aspect. *Natural Language Semantics* 17:1, pp. 29-61.
- Hallman, Peter (2009b) Instants and Intervals in the Event/State distinction. Ms, UCLA.
- Iatridou, Sabine (2000) The grammatical ingredients of counterfactuality. *Linguistic Inquiry* 31, pp. 231-270.
- Kratzer, Angelika (2004) Telicity and the meaning of objective case. In Jacqueline Guéron & Jacqueline Lecarme (orgs.) *The syntax of time*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 389-423.
- Moens, Marc (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Ph.D. dissertation, Edinburgh University.
- Moens, Marc & Mark Steedman (1988) Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics* 14, pp. 15-28.
- Pratas, Fernanda (2007) *Tense features and argument structure in CV predicates*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Pratas, Fernanda (no prelo) States and temporal interpretation in Capeverdean. *Going Romance* 2008 Volume. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Ramchand, Gillian (1997) *Aspect and Predication: The Semantics of Argument Structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Silva, Izione S. (1985) *Variation and Change in the Verbal System of Capeverdean Crioulo*. Ph.D. dissertation, Georgetown University.

Suzuki, Miki (1994) The markers in Cape Verdean CP. Ms, CUNY.

Vendler, Zeno (1957) Verbs and times. *The Philosophical Review* 66:2, pp. 143-160.

Vlach, Frank (1981) The Semantics of the Progressive. In Philip Tedeschi & Annie Zaenen (orgs.) *Syntax and Semantics 15: Tense and Aspect*. New York: Academic Press, pp. 271-292.